



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM**  
**JORNALISMO**

**Wladmir Pinheiro Freire Lima**

**MATOTA E MARATA – OS CAVALEIROS DA FÉ**  
Livro-reportagem sobre um caso de sacrifício religioso

Salvador  
2010.1

**Wladmir Pinheiro Freire Lima**

**MATOTA E MARATA – OS CAVALEIROS DA FÉ**

Livro-reportagem sobre um caso de sacrifício religioso

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso  
– livro-reportagem, apresentado à Banca, para obtenção do  
grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em  
Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UFBA,  
orientado pela Professora Doutora Maria Lucineide Fontes

Salvador

20010.1

## Agradecimentos

À Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

À Malu Fontes, pela orientação e atenção.

Aos pesquisadores Cláudio Luiz Pereira e Floriva Moura, pela contribuição do tema

Aos meus pais e irmãs, pelo incessante estímulo, carinho e apoio

À Maria Ísis, pelo companheirismo, atenção, revisão e diagramação

Aos amigos Antonio Pita e Livia Nery, pela valiosa ajuda na revisão

Aos jornalistas que um dia arriscaram-se em escrever um livro-reportagem

A Dante Lima, pela primeira referência literária



Cordel sobre o Caso Matota e Marata, em 1977.

## Resumo

*Matota e Marata – Os Cavaleiros da Fé* é um livro-reportagem concebido e produzido entre o segundo semestre de 2009 e o primeiro semestre de 2010. Este livro utiliza o viés jornalístico para recriar a cronologia dos fatos que culminaram na morte de oito crianças em um ritual de sacrifício religioso ocorrido na madrugada do dia 1º de maio de 1977, na praia de Stella Maris, em Salvador, e também as conseqüências jurídicas que se seguiram ao crime. Diante da dificuldade temporal de se religar à história, através dos seus personagens, duas fontes foram tomadas como base para a criação narrativa: as fontes jornalísticas – jornais e reportagens veiculadas à época – e as fontes processuais - laudos médicos, depoimentos dos acusados e decisões judiciais. O objeto deste livro-reportagem centra-se, pois, em um crime motivado pela religião, tema recorrente na sociedade atual e que ainda desperta a curiosidade das pessoas e, conseqüentemente, da imprensa.

**Palavras-chave:** livro-reportagem; religião; pentecostalismo; fanatismo; sacrifício; criança

## Sumário

<b>1. Apresentação</b>	<b>7</b>
<b>2. O Produto</b>	<b>10</b>
2.1 Conceituando o Novo Jornalismo	10
2.2 Jornalismo e Literatura no Brasil	14
2.3 O livro-reportagem	17
<b>3. O Projeto</b>	<b>19</b>
3.1 Por que um livro-reportagem?	19
3.2 A escolha do tema	20
3.3 Fanatismo religioso	21
<b>4. O Processo</b>	<b>23</b>
4.1 O Caso Matota e Marata	23
4.2 Produtos similares	25
4.3 A produção	26
4.4 Os desafios	29
<b>5. A trajetória</b>	<b>31</b>
5.1 Obstáculos na trajetória	34
<b>6. Anexos</b>	<b>37</b>
<b>7. Bibliografia consultada</b>	<b>41</b>

## 1. Apresentação

Este memorial traz os principais caminhos teóricos e descritivos percorridos na elaboração do livro-reportagem *Matota e Marata, os Cavaleiros da Fé*. Algumas possibilidades me aproximaram do chamado Novo Jornalismo ou, em sua origem conceitual norte-americana, New Journalism: a chance de explorar os diversos ângulos da história, narrando-a de forma a envolver o leitor; o estudo dos personagens, dando-lhes a devida humanização e personalidade características; a recriação, em suas sutilezas, dos ambientes e das sensações provocadas e sentidas pelas cenas; e a experimentação da linguagem, dando novas formas e sentidos ao texto jornalístico-literário. A liberdade de criação característica do formato livro-reportagem e as infinitas possibilidades narrativas próprias da ficção despertaram meu interesse sobre esse fazer jornalístico. De outro lado, as limitações de espaço e a rigidez no uso da linguagem convencional – aqui entendida como um menor espaço para experimentações – me afastava dos formatos tradicionais de publicação utilizados na imprensa diária.

A opção pela construção narrativa a partir das práticas jornalísticas nasceu, assim, do anseio por um maior aprofundamento da história. A condução para esse formato demonstrava ser irreversível. Afinal, como recriar em formato padrão, um fato aparentemente perdido no tempo, sem visíveis implicações no presente, de maneira a não prescindir de seus inúmeros detalhes? Nesse caso, a própria questão temporal indicava um espaço alternativo, visto que o jornalismo atual prima pela instantaneidade, pelo factual, não compatível com algo sem um “gancho” que pudesse relacioná-lo ao presente. Até mesmo a atração do formato livro-reportagem pelas chamadas grandes reportagens determinou, de alguma forma, a escolha temática. No caso em questão, um crime cometido em nome da religião.

O livro-reportagem apareceu, então, para contar esta história em detalhes: oito crianças assassinadas pelos próprios pais, todos eles membros de uma seita, durante um ritual religioso, em uma praia de Salvador, em 1977. Dois personagens são fundamentais para compreender a sucessão de fatos que culminarão no crime: um é José Maurino, o Matota. É ele o agregador, o centro de convergência da fé, o canal de comunicação com o Deus defendido por ele mesmo. É através dele que os sacrifícios serão cometidos em obediência a esses mandamentos. O segundo, e não menos fundamental, será Maria

Nilza, a Marata, esposa de Matota. Ela é quem desempenha o papel de intermediação entre os dois mundos: as conversas de Deus com Matota e dele com a gente do grupo. Austera e rígida, ela será por muitos apontada como a verdadeira idealizadora dos crimes. Ao redor dos dois, 21 adultos e 12 menores de idade formarão a Igreja Universal Assembleia dos Santos. A seita se origina no pobre povoado de Barra, município de Mundo Novo, no piemonte da Chapada Diamantina. O grupo migra para a capital, onde se estabelece no lugar batizado pelo pastor como Monte das Oliveiras – um imenso areal localizado próximo à região onde se desenrolam os sacrifícios, entre a praia de Stella Maris, ainda nos limites de Salvador, e a praia de Ipitanga, pertencente a Lauro de Freitas.

A temática religiosa no Caso Matota e Marata, apesar de passar por um âmbito eminentemente local, traz elementos de inúmeros outros casos de fanatismo: os embates de radicais islâmicos, os cometidos por grupos extremistas, ou, principalmente, os casos de suicídios coletivos, ora vistos em diversos momentos da história. Todos eles, resguardados seus pormenores e contextos, trazem em sua raiz originária de conflitos a defesa do ideal de verdade como único verificável, não importando quais sejam as suas conseqüências. A origem supostamente divina de suas certezas lhes impossibilita compreender qualquer contraposição ou outros pontos de vista que não os legitimadores de suas ideias.

Ao penetrar na história, o leitor poderá identificar elementos semelhantes aos encontrados em outros movimentos fanáticos religiosos, como o movimento messiânico visto em Canudos, no final do século XIX, e o movimento Pau de Colher, em meados do século XX, além de casos ocorridos em outros países, a exemplo do episódio Jim Jones, na Guiana, quando mais de 900 pessoas protagonizaram suicídio coletivo; ou do caso da seita do hippie Charles Manson, responsável pela morte da jovem atriz Sharon Tate, esposa do cineasta Roman Polanski, assassinada ainda grávida. Não faltam histórias em que a religião figura em uma cena de crime, sentada no banco dos réus.

A organização narrativa dos capítulos em *Matota e Marata – Os Cavaleiros da Fé* obedeceu a critérios meramente estilísticos, visto que não foi respeitada a cronologia dos fatos. O livro não se inicia a partir do surgimento da seita, com seu clímax na cena do crime e desfecho no encarceramento dos culpados. Ao desfilar por momentos



cronológicos distintos, o leitor percorre as páginas como um espectador de um filme em que as teclas Fast-Foward (FFW) e Rewind (RW) estão em constante acionamento. Essa construção visa permitir um dinamismo maior na leitura e possibilitar melhor fruição da obra. Os recursos de fluxo de consciência, diálogos, narrativa indireta foram utilizados conforme a necessidade e possibilidade, preservando o caráter experimental do livro-reportagem.

Dessa forma, o trabalho está dividido em quatro ramificações conceituais:

1. *O produto* corresponde à fundamentação teórica do trabalho. Essa parte traz a evolução do que se convencionou chamar de Jornalismo Literário, sua influência no Brasil; principais características do gênero e da sua principal expressão, o livro-reportagem.
2. *O projeto* traz a defesa do produto através de uma espécie de relatório, em que ele se enquadra em uma temática e formato específico. Neste ponto, defende-se a escolha do formato livro-reportagem para contar a história do sacrifício religioso, além dos caminhos da narrativa.
3. *O processo* traz o relato pessoal sobre a elaboração do projeto, desde a concepção até a finalização. Esta etapa traduz cada elemento essencial para a composição final do produto e a análise do processo de criação.
4. *A trajetória*, por fim, faz uma breve relação entre as experiências acadêmicas, profissionais e o produto proposto. Este capítulo traz ainda os principais desafios e dificuldades enfrentados ao longo de sua execução.

## 2. O Produto

### 2.1 Conceituando o Novo Jornalismo

A relação entre Literatura e Jornalismo surgiu antes mesmo daquilo que se convencionou chamar de Jornalismo Literário. Impulsionado, sobretudo, pelos jornalistas americanos nas décadas de 60 e 70 do século XX, esse novo fazer jornalístico já era observado dois séculos antes. O jornalismo ainda não era uma profissão e os pequenos jornais tinham menos a finalidade econômica do que interesses ideológicos e políticos em suas diretrizes. Como cita Belo (2006), alguns desses jornais sequer publicavam reportagens, preenchendo suas páginas com artigos, ensaios e até textos literários de grandes escritores. A passagem dos escritores de literatura para os veículos de imprensa vai se aprofundar a partir do realismo-naturalismo, escola caracterizada na apresentação da chamada verdade material. Segundo Sales (2006), essa escola trazia como pilares o uso de retratos de personagens, cada um deles com personalidades bem definidas, apresentadas em um texto com maior objetividade e precisão.

Inicialmente, fique claro que os jornais da época davam muito espaço para a literatura. E aí falamos de literatura em si, sem nenhuma conotação jornalística. Não estamos nos referindo à literatura e jornalismo, mas à literatura nos jornais. Lembremos, afinal, que os tempos são de final de século XIX, belle-époque prestes a acender suas luzes, Paris é a capital do mundo. É de bom tom cultivar os hábitos franceses, entre eles, o cuidado com o vernáculo e a reverência à literatura. Assim, há espaço para folhetins, crônicas, e mesmo contos e poemas, colaborações normalmente pagas e de responsabilidade exclusiva dos escritores (Sales, 2006, p.81).

Essa participação maior de ensaístas e escritores vai coincidir, no princípio do século XIX, com um processo de profissionalização da figura do jornalista. Sobretudo resultado das fases da Revolução Industrial - em que se observa o crescimento do nível educacional da classe operária e, portanto, ocorre uma maior busca pelos itens de cultura – os jornais vão reconhecer essa transformação mercadológica e procurar se fortalecer nesse processo organizacional. Não mais como difusores de uma ideologia, os

jornais vão utilizar a publicidade e recursos de entretenimento para atrair os consumidores da notícia. Vai registrar Belo (2006):

Os jornais prosperavam, impulsionados pelas mudanças sociais e econômicas promovidas pela revolução industrial do final do século XVIII. Com mais de cem anos de industrialização constante, a Europa havia se modernizado e se tornara muito mais urbana (Belo, 2006, p. 21).

Nesse cenário de constantes mudanças de esfera social e econômica, as produções literárias também passaram a discutir novas temáticas. Nessa época de instabilidade pós-revolução, Honoré de Balzac já analisa a França capitalista, Émile Zola, publica *Germinal* em 1885, sobre a questão dos trabalhadores de uma mina de carvão, Ernest Hemingway, na Inglaterra. E, no início do século XX, o jornalista americano John Reed iniciou uma série de reportagens sobre as revoltas camponesas no México liderada por Pancho Villa. As matérias que enviava da frente revolucionária tiveram grande sucesso e a obra foi lançada em livro, em 1910, com o título *México Rebelde!*. Quando já gozava de certo prestígio entre jornalistas e escritores, Reed foi enviado à Europa para cobrir a Primeira Guerra Mundial. Na Rússia, eclodia a Revolução de 1917, e o jornalista foi até o país para relatar as revoluções que derrubaram o governo czarista de Nicolau II. As reportagens deram origem ao livro *Dez dias que abalaram o mundo* (1919), catapultando John Reed para um prestígio sem precedentes entre os jornalistas de sua época. Não à toa, muitos pesquisadores apontam Reed como o pai do livro-reportagem. Outros, entretanto, elencam inúmeros outros escritores que teriam utilizado a não-ficção para contar em livro, como Daniel Defoe, na Inglaterra. *A Vida e as Estranhas Aventuras de Robinson Crusóé*, lançado em 1719, portanto dois séculos antes de Reed, é apontado por muitos como um exemplo de livro-reportagem. Não é preciso ir tão longe. No Brasil, Euclides da Cunha produziu algo semelhante quando, enviado como correspondente para o jornal *O Estado de S. Paulo* para cobrir a Guerra de Canudos, escreveu *Os Sertões*, em 1902.

Com uma nova dinamização das práticas jornalísticas, uma das maiores revoluções, segundo observam vários estudiosos e pesquisadores da comunicação, foi a inserção do *lead* na produção das matérias. Com a Segunda Guerra Mundial, os jornalistas precisavam transmitir suas matérias dos locais onde estavam sediados no front, até as

sedes de suas empresas de comunicação via telégrafo. Extremamente caras e instáveis, dada a situação extrema da guerra, os repórteres precisavam informar o que havia de mais importante já no início da transmissão, que poderia ser cortada a qualquer momento. Assim, combinava-se de que no início da matéria estariam as informações essenciais do texto e as demais informações seriam distribuídas ao longo dos parágrafos, e o que fosse dispensável estaria no ‘pé’ da nota (Belo 2006, p. 23). Dessa forma, os editores poderiam identificar rapidamente a relevância da matéria, editar as informações recebidas via telégrafo e publicar o que fosse mais importante. A técnica ficou conhecida como pirâmide invertida e se alastrou rapidamente por toda a produção jornalística dos Estados Unidos. O Brasil assimilaria fortemente essa técnica alguns anos mais tarde, algo dificilmente encontrado no jornalismo europeu.

Sobre os anos da guerra, escreveriam renomados jornalistas de todo o mundo, incluindo dois brasileiros que foram enviados junto com a Força Expedicionária Brasileira: Rubem Braga, pelo *Diário Carioca*, e Joel Silveira, pelo *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Braga escreveu *Com a FEB na Itália*, em 1945, e Silveira, *O inverno da Guerra*, em 1983. Aqui vale ressaltar que o repórter Joel Silveira foi enviado pela revista *Manchete* para cobrir o caso da morte das oito crianças no caso de sacrifício religioso ocorrido em Salvador, em 1977, narrativa que será tratada neste produto.

Porém outro jornalista provocaria maior impacto com uma série de reportagens sobre os desdobramentos da Segunda Guerra. Em 1946, o jornalista sino-americano John Hersey foi incumbido de escrever sobre como vivia a população japonesa que sobreviveu após o primeiro ataque de uma bomba atômica. Os diálogos internos, tratados de forma muito mais próxima da literatura do que do jornalismo, e o relato denso e minucioso ocupou toda a edição de 31 de agosto do mesmo ano da revista *The New Yorker*. A série de reportagens foi publicada no ano seguinte sob a forma de livro com o título *Hiroshima*.

Como descreveria um dos célebres jornalistas literários, Tom Wolfe, em *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, entre os repórteres de reportagens especiais existia uma espécie de competição velada, não admitida. Reportagem especial era, como ele classifica, “a expressão jornalística para uma matéria que escapava à categoria da notícia pura e simples. Abrangia tudo, desde pequenos fatos ‘divertidos’, engraçados, geralmente do movimento policial... O resultado de toda essa dedicação ao jornalismo

era o ‘triumfo final (...) conhecido como O Romance’” (Wolfe, 2005, p. 12). As publicações que se destacavam nessa época, nos Estados Unidos, eram a revista *Time* - onde trabalhava Gay Talese -, o jornal *Herald Tribune*, o *Washington Post*, o *Daily News*, a *The New Yorker* e a revista *Life*, uma das pioneiras nesse tipo de reportagem. Wolfe escreve sobre os primeiros passos do livro-reportagem:

E, no entanto, no começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser...lido como um romance (Wolfe, 2006, p. 19).

Em 1965, uma publicação reforçaria os contornos desse movimento ainda disperso, mas cujo impacto aumentava a cada nova publicação. Após seis anos de apuração, Truman Capote escreve e publica na revista *The New Yorker* uma série de reportagens sobre a chacina de uma família no Kansas, interior dos EUA. Com o título de *A Sangue Frio*, Capote utiliza artifícios antes restritos à literatura – voz interior através do fluxo de consciência, diálogos romanceados, tensões e clímax da trama – e é aclamado como criador de algo nunca antes visto. A matéria publicada em série de quatro edições é transformada em livro três meses depois e recebe do próprio autor a denominação de Romance de Não-Ficção, um novo gênero-literário. A excitação que se seguiu após a publicação de *A Sangue Frio*, tanto no meio jornalístico, quanto fora dele, transforma a figura de Truman Capote em uma espécie de celebridade.

Sobre as mudanças de modelos narrativos adotados por esses jornalistas, incluindo Truman Capote, Wolfe escreve: “Isso nada tinha a ver com objetividade ou subjetividade, ou com assumir uma posição ou ‘compromisso’ – era uma questão de personalidade, de energia, de tendência, de bravura... numa palavra, de estilo...” . E Wolfe ainda completa: “A idéia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens”. Ele ousa e vai além: “Por fim, eu e outros seríamos acusados de ‘entrar na cabeça das pessoas’... Mas exatamente! Entendi que essa era mais uma porta que o repórter tinha de bater”.

*A Sangue Frio* esmiúça o assassinato da família Cluter em uma pequena cidade do interior dos Estados Unidos, a prisão dos dois acusados e a execução de ambos. Mais do que se ater às práticas jornalísticas para contar essa história, Capote passou cinco anos entrevistando inúmeras vezes todos os envolvidos no caso – e também os que não estavam ligados diretamente –, dedicou grande parte do seu tempo nesse período a investigar detalhes da história e se envolveu emocionalmente com os personagens. Capote recebeu também inúmeras críticas que o acusavam de sensacionalismo e de inventar aspas e situações jamais vividas pelos personagens. O fato é que, ao se tornar um best-seller, Capote elevou o jornalismo literário para outra magnitude.

## **2.2 Jornalismo e Literatura no Brasil**

O Brasil também sofreu influência da corrente que chegava dos Estados Unidos. Apesar das grandes publicações diretamente influenciadas pelo novo jornalismo só surgirem alguns anos mais tarde, desde o final do século XX já existia um ou outro nome da imprensa que utilizava recursos semelhantes. O maior deles, sem dúvida, foi Euclides da Cunha, que publicou uma série de reportagens para o jornal *O Estado de S. Paulo* que, mais tarde, se transformou em livro. Enviado à zona de conflito da Guerra de Canudos, o jornalista e engenheiro descreveu detalhadamente as condições em que viviam os milhares de sertanejos seguidores do beato Antônio Conselheiro. O olhar minucioso de Euclides da Cunha também se lançou sobre a região seca do norte do norte da Bahia. O conflito armado desses homens com as tropas do Exército Brasileiro também seria retratado em um capítulo do livro *Os Sertões*, lançado em 1902. Fruto das inúmeras crises sociais e econômicas características do sertão baiano, o conflito armado durou quase três anos, e terminou com a morte de milhares de pessoas e a destruição completa da cidadela de Canudos. Convidado pelo jornal paulista, Euclides da Cunha ficou cerca de três semanas acompanhando, em 1897, os últimos momentos de existência de Canudos. Deixou a região quatro dias antes do último ataque do Exército Brasileiro, e, portanto, não testemunhou a destruição do grupo. Mas reuniu material suficiente para escrever, ao longo dos cinco anos posteriores, o precursor dos livros-reportagens no Brasil.

O romancista e jornalista peruano Mário Vargas Llosa, influenciado pelo livro de Euclides da Cunha, escreveu o livro *A Guerra do Fim do Mundo*. Mesclando

personagens de carne e osso a personagens fictícios, Llosa romanceia a história de Canudos, valendo-se de situações reais durante os anos de conflito e suas imagens literárias. Essa prática foi utilizada por inúmeros escritores ao redor do mundo. Como exemplo deste tipo de literatura baseada na realidade, mas com traços ficcionais, temos: Gabriel García Marques, Jô Soares, Nelson Rodrigues, Lima Barreto, Rubem Braga, entre tantos outros.

A primeira grande publicação no Brasil que irá trazer uma característica literária mais acentuada será a revista *O Cruzeiro*. Criada em 1928, a revista só vai passar a investir nas grandes reportagens especiais a partir da década de 40, o que vai impulsionar um aumento nas suas vendas. Seu principal repórter, David Nasser ficou muito famoso pelos furos de reportagem e, também, por sua habilidade em forjar e inventar fatos diluídos em suas descrições jornalísticas. As técnicas tangenciais à ética de Nasser foram retratadas em um livro-reportagem de Luiz Maklouf de Carvalho, com o nome *Cobras criadas: a história de David Nasser e O Cruzeiro*. A publicação de Assis Chateaubriand só encontraria resistência na revista *Diretrizes*, lançada pelo seu principal oponente Samuel Wainer. Wainer, que já fora repórter de *O Cruzeiro*, reuniu intelectuais e grandes nomes do jornalismo e da vida cultural do país. Em seu livro biografia, Wainer também daria sua opinião sobre David Nasser, em uma possível resposta aos ataques do jornalista tantas vezes publicados nas páginas de *O Cruzeiro*. “Poucas figuras foram tão nefastas à profissão do jornalista quanto David Nasser: ele é a prova acabada de que é possível enriquecer utilizando em proveito próprio os instrumentos oferecidos pela profissão” (Wainer, 1987, p. 184).

Mas embora tivesse grande prestígio, *Diretrizes* não foi a maior pedra no sapato da publicação de Chateaubriand. A maior experiência do novo jornalismo no Brasil foi lançada em meados da década de 60, a revista *Realidade*. Bons repórteres e fotógrafos, aliados a uma ampla liberdade de decisão de pautas e de técnicas de escrita, fizeram rapidamente da revista um sucesso no cenário jornalístico. Algumas de suas matérias ficaram gravadas nos mais de dois séculos de imprensa no Brasil. Como a capa que trazia a reportagem do enviado especial na Guerra do Vietnã, José Hamilton Ribeiro, que perdeu parte da perna na explosão de uma mina terrestre. A capa trazia uma foto ampliada em duas páginas do momento em que Ribeiro era socorrido por um grupo do exército norte-americano. As fotos foram tiradas pelo fotógrafo japonês Keisaburo

Shimamoto, que morreu em um ataque ao helicóptero em que estava no mesmo episódio. A matéria descrevendo os efeitos nocivos da guerra em *Realidade* fora escrita antes do acidente com a mina. Quando desembarcou no Brasil quatro meses depois da explosão - após ser atendido em hospitais do Japão e dos Estados Unidos - José Hamilton Ribeiro estava do outro lado da notícia, como manchete.

Alguns jornais conquistaram grande destaque com as grandes reportagens, como *Opinião*, em 1972, *Jornal do Brasil* e, sobretudo, o *Jornal da Tarde*, lançado em 1966. Assim como a revista *Realidade*, essas redações contavam, em sua maioria, com grandes nomes da imprensa brasileira. Porém, somente a partir da década de 80, o Brasil ganhará destaque em publicações do gênero jornalístico no formato livro-reportagem. Após o período da ditadura, o país entrava na penúltima década de 1980 com alguns sinais de liberdade. Os duros anos dos governos militares chegavam ao fim, e a sociedade, e conseqüentemente a imprensa, gozava de uma maior liberdade para expressar sua opinião. Somava-se a isso, ainda, o imenso vácuo que existia entre o interesse da população e as reportagens, que não se aprofundavam até os bastidores dos fatos que estavam por alterar a história política do país. É nesse período que alguns jornalistas vão sentir a necessidade de relatar, de maneira mais detalhada, as principais mudanças ocorridas no país.

Outros fatores que impulsionaram o mercado editorial dos livros, ambos na década de 1990, foram o êxito do Plano Real e também a explosão da Internet, que provocou uma redução no tamanho das editorias dos jornais de todo o país e forçou os jornalistas a procurarem outras formas de publicação. O período marcado pelo processo de redemocratização do país possibilitou a publicação de uma série de obras que lançavam olhares sobre os bastidores desse momento histórico. Nessa época, foram publicados *O complô que elegeu Tancredo*, escrito por Ricardo Noblat, José Negreiros, Roberto Lopes e Gilberto Dimenstein, em 1985, *De olho no dinheiro*, de Paulo Henrique Amorim, em 1988, e também *República dos padrinhos*, de Gilberto Dimenstein, lançado em 1988. A maior parte desses livros que trataram dos bastidores da política e das mudanças econômicas da época, de uma forma ou de outra, alcançaram grande sucesso. O motivo era, sobretudo, devido à profunda abordagem que esses livros faziam de temas superficialmente tratados na imprensa em razão de pressões políticas ou conivências de natureza idem. É dessa época, também o gosto aprimorado pelas



biografias. Subgênero mais popular em publicações do formato livro-reportagem no Brasil, as biografias tiveram muito sucesso ao recontar histórias de personagens notórios. Dentro dessa categoria de especialistas em desenhar perfis aprofundados dos personagens, destacam-se Ruy Castro e Fernando Morais. De Castro, temos: *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* (1992), *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995) e *Carmen, uma biografia* (2005), sobre a vida da atriz e cantora Carmen Miranda. Já Fernando Morais escreveu: *Olga* (1985), sobre a vida da alemã Olga Benário, esposa de Luís Carlos Prestes, *Chatô, o rei do Brasil* (1995), biografia de Assis Chateaubriand, e mais recentemente *O Mago* (2008), sobre a vida do jornalista e escritor Paulo Coelho. Assim como as biografias, diversos temas têm ganhado as páginas dos livros-reportagem através das mãos de habilidosos jornalistas, como a violência do tráfico em *Abusado*, de Caco Barcelos, também autor de *Rota 66*, retratos históricos, como a série sobre a ditadura, de Hélio Gaspari: *A ditadura envergonhada*, *A ditadura escancarada*, *A ditadura encurralada* e *A ditadura derrotada*.

### **2.3 O livro-reportagem**

Alguns elementos demarcam o livro-reportagem, como: o não periodismo, o caráter jornalístico diferenciado e sua relação com os outros meios impressos. O livro-reportagem “apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação periódicos” (Lima, 2004, p. 17). Cauteloso, Belo (2006) diz que ele “não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos” (Belo, 2006, p. 41).

Edvaldo Pereira Lima estabelece três condições essenciais para uma publicação ser enquadrada como livro-reportagem e seja distinta, portanto, das demais. Primeiro, o objeto sobre o qual o autor de um livro-reportagem se debruça é real, podendo ser um fato concluído ou ainda uma ocorrência, questão ou idéia que esteja em vigor. Depois, é preciso haver um tratamento jornalístico (tanto na linguagem, como na montagem e na edição de texto), semelhante àquele utilizado nas grandes reportagens publicadas nos jornais. Por fim, o livro-reportagem pode servir a distintas funções: opinativa, interpretativa, investigativa ou diversional (Lima, 2004, pp.26-30).

De acordo com ele, o diferencial do livro-reportagem é que esse formato procura fornecer com mais detalhes e exatidão o relato da realidade que se pretende analisar, e dos acontecimentos por trás dela, permitindo ao jornalista a adoção de um estilo textual próximo à literatura.

O livro-reportagem não estando, como não está, preso à rotina industrial dos veículos periódicos, tem, o potencial em teoria, para se livrar da captação premida pelo tempo; estando liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que impera na imprensa regular; pode, em tese, experimentar novas formas de captação, expandir o leque de fontes de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados, munir-se de instrumentos inovadores na observação do real em suas múltiplas complexidades, já que, em princípio, não há necessidade de se submeter a um gosto médio (Lima, 2004, p.106).

O mesmo autor classifica os livros-reportagem de acordo à 'temática', ao 'modelo de tratamento narrativo' e do 'objetivo particular, específico'. De acordo com ele, os livros-reportagem, dentre outras classificações, podem ser divididos em: Perfil (obra que procura mostrar lado humano de uma personalidade pública); Depoimento (que reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada); Retrato (não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, ou um segmento da atividade econômica); Ciência (serve para divulgação científica de um tema específico); História (focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo); Atualidade (aborda temas atuais, porém com os resultados finais ainda sem conhecimento); Antologia (reúne reportagens publicadas na imprensa cotidiana sobre os mais variados temas); e Viagem (texto sobre uma viagem a uma região geográfica para retratar o social, histórico, humano e aspectos da realidade local).

A partir desta classificação, o livro aqui proposto se enquadra numa classificação híbrida entre as categorias História e Retrato, uma vez que trata de um fato passado e, ao mesmo tempo, busca retratar um objeto, no caso, uma seita religiosa. Também é possível defender que, nos momentos de caracterização dos personagens Matota e Marata, apareçam indícios da categoria perfil.

### 3. O Projeto

#### 3.1 Por que um livro-reportagem?

O desafio por contar a história da morte das oito crianças no sacrifício religioso em Salvador, no formato livro-reportagem, obedeceu ao que Lima (2004) chamou de “fruto da inquietude do jornalista” que tem algo a dizer, mas não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Na construção desse produto, em que era possível utilizar inúmeras ferramentas para construção de narrativas da realidade, essa proposta era ainda mais tentadora. A liberdade de tempo e escolha do tema, a possibilidade de trabalhar com recursos literários desprezados pela imprensa comum, o desafio de cativar o leitor, através da atratividade do produto, além do cuidado com sua dimensão plástica, desenharam um horizonte de expectativas que definiram, por si só, minha escolha por esse tipo de produto. Assim, o cuidado em utilizar essas ferramentas até extrair seu maior potencial, é uma tentativa de reeditar um modelo que fosse além da expectativa de ‘reportagem literária aprofundada’.

Mais do que simplesmente narrar histórias, a vocação do bom repórter é dimensionar os fatos que conta. Nenhum outro meio se compara ao livro, nesse aspecto. Nele o autor encontra condições de se expressar com clareza e profundidade, utilizando-se de todo o seu arcabouço de recursos profissionais, sem as limitações de tempo e espaço que caracterizam o trabalho nas redações (Belo, 2006, p. 48).

O livro-reportagem insere-se ainda num contexto em que jornais e revistas cada vez mais perdem público para outros meios. Desde o final do século XX, com a inserção das novas mídias, potencializadas no início deste século com as redes sociais, os veículos impressos têm visto boa parte dos seus consumidores escoarem para mídias alternativas, além de mais atrativas. Belo cita que “em nome da produtividade, acabam publicando o noticiário cotidiano, muitas vezes, sem o caráter interpretativo que poderia fazer a diferença em relação a outros meios” (Belo, 2006, p.35). Assim, o formato livro-reportagem, nos dias atuais, se apresenta como um dos refúgios das grandes reportagens, só encontrada em alguns poucos veículos impressos e também em sites especializados.

A busca por uma temática regional, além da utilização de duas bases de fontes na construção de um terceiro viés de reconstrução da história, são elementos que poderão, nessa tentativa, ajudar na ampliação das fronteiras do formato livro-reportagem. Tendo como base os princípios que norteiam a classificação defendida por Lima (2004), como o caráter verídico da história, a atenção com a linguagem e com a finalidade, esse produto se propõe como uma contribuição para o formato livro-reportagem, sobretudo no âmbito da experimentação acadêmica.

### **3.2 A escolha do tema**

Diante das infinitas possibilidades de projetos de conclusão de curso, optei pelo livro-reportagem, mas faltava encontrar a história que fizesse pulsar esse formato. A decisão por escrever sobre a formação da seita Universal Assembleia dos Santos e os crimes por ela praticados foi, sobretudo, decorrente do desejo de registrar em livro uma história muito particular de uma cidade, mas que dialoga com situações semelhantes ocorridas em várias partes do mundo. A afinidade com o local de onde saiu boa parte dos atores envolvidos na história, o convívio próximo daqueles que, direta ou indiretamente, haviam participado daquele momento, e até o sentimento de responsabilidade com a memória do lugar e com essas pessoas fizeram com que decidisse por retratá-la em livro.

A escolha pela não ficcionalidade somada à possibilidade de livre criação de elementos estilísticos, ao contrário de se tornar uma limitação, indiretamente possibilitou arrancar os traços de lenda e mito que já circundavam a história. O livro funciona como um registro formal sobre um fato que ganhou novas cores e contornos graças à oralidade. Apesar da enorme repercussão gerada no ano do acontecimento e nos posteriores anos, fortalecida pela presença de alguns dos participantes da seita na comunidade, as duas últimas décadas foram marcadas por um esquecimento quase generalizado da história. Apesar da pequena quantidade de moradores – número que atualmente não passa de 30.000 habitantes em todo o município – não é exagero afirmar que boa parte dessas pessoas sequer tenha ouvido falar sobre o caso. Portanto, o livro contribuirá para a retomada de uma parte da memória histórica desse município, desse povo que, por

algumas semanas do ano de 1977, tragicamente figuraram nas páginas dos principais jornais e revistas do país.

### **3.3 Fanatismo religioso**

Os crimes cometidos na noite do dia 31 de abril de 1977 repercutiram amplamente nos veículos de comunicação. Não raro é encontrar, ainda atualmente, reportagens que abordem a temática do fanatismo e dos crimes religiosos que cite o Caso Matota e Marata, como a história ficou conhecida. Como escrevem Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2004) em *Faces do Fanatismo*, capítulo *Fanatismos, Fanatismos*, acerca da acepção do agente do fanatismo. O fanático é um “termo cunhado no século XVIII para denominar pessoas que seriam partidárias extremistas, exaltadas e acríticas de um causa religiosa ou política”. No caso particular da história da morte das oito crianças, o casal de pastores vai encontrar nos demais membros que formarão aquele grupo, pessoas que vão compartilhar de uma verdade da qual serão defensores sem questionamentos.

O grande perigo do fanático consiste exatamente na certeza absoluta e incontestável que ele tem a respeito de suas verdades. Detentor de uma verdade supostamente revelada especialmente pelo seu deus, (portanto, não uma verdade qualquer, mas A Verdade), o fanático não tem como aceitar discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que apresenta como sendo seu conhecimento: a origem divina de suas certezas não permite que argumentos apresentados por simples mortais se contraponham a elas: afinal, como colocar, lado a lado, dogmas divinos e argumentos humanos? (Pinsky & Pinsky, 2004, p. 9).

Matota declara a realidade em que vive como sua principal inimiga e a causa maior de todos os grandes sofrimentos. Declara guerra ao que julga contrário aos seus ideais de perfeição, sempre baseados em conceitos religiosos bem fortalecidos, resultados de sua postura temente a Deus. De maneira que, para tornar sua existência satisfatória, é necessário romper com tudo que lhe conspurca essa realidade. Como escreve Sigmund Freud acerca da ação fanática em contraste à existência lúcida da crença religiosa.

O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso: pode-se tentar recriar o mundo, construir em seu lugar um outro

mundo, nos quais os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. (Freud APUD Pinsky & Pinsky, 2004, p. )

Prossegue Freud sobre o indivíduo que se lança a este caminho da fé desmedida em busca da felicidade.

A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco alguém que, na maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio. [...] Concede-se especial importância ao caso em que a tentativa de obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade é efetuada em comum por um considerável número de pessoas. As religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa desse tipo. É desnecessário dizer que todo aquele que partilha um delírio jamais o reconhece como tal. (Freud, 1997, p. 76)

Matota, ao contrário do contraponto lúcido necessário a “tornar real o seu delírio”, encontra alguém que o reforça, que o referenda e acrescenta ao universo de referências já corrompido. Juntos, os dois vão envolver outras pessoas no delírio que partilham, sem o reconhecerem como tal, até que se desfaça a espécie de transe em que se enveredam, mas aí já será tarde demais. Apenas um personagem demonstrará uma efetiva resistência ao discurso compartilhado entre os dois líderes da seita e os seguidores. Seu antagonismo, porém, não se dará na forma de um embate direto, ao contrário, será na forma de fuga. Vendo a impossibilidade de demover a influência exercida sobre o grupo, só lhe resta fugir para o mais longe e seguro do local onde esse poder é característico – no caso em questão, o Monte das Oliveiras, local onde o grupo monta acampamento assim que chegam a Salvador. Esse personagem, inclusive, será o responsável pela identificação do grupo logo após os corpos são encontrados. A partir daí, jornais, revistas, rádio e televisão se empenharão em tentar descobrir os detalhes que vão envolver o crime.

## **4. O Processo**

### **4.1 O Caso Matota e Marata**

Para efeito narrativo, a história perpassa a infância de José Maurino, com a sua transformação no pastor Matota, a união com Maria Nilza, a Marata, a formação da seita, a mudança do grupo para a Salvador, o assassinato no litoral, entre Salvador e Lauro de Freitas, a prisão dos acusados, os desdobramentos do caso e a posterior punição de algum dos envolvidos. Entretanto, para efeito estilístico, a cronologia dos fatos foi segmentada em inúmeros capítulos, em uma espécie de roteiro cinematográfico, cuja função maior era criar uma dinâmica na leitura e evitar um cansaço da história. Assim, o leitor é convidado a, imageticamente, apertar as teclas RW e FW, para retroceder e adiantar em alguns pontos da história, de forma a se construir um vínculo mais forte entre leitor e livro, fruidor e obra. Cada capítulo dispõe de certa interdependência dos demais, e muitas vezes, alguns dos trechos são complementados por outros que serão apresentados mais adiante. Para esse fim e para que o leitor não se perca nesse labirinto narrativo, alguns fios norteadores foram utilizados de forma a guiá-lo, como os marcadores temporais e espaciais ao início de cada um dos capítulos. Na divisão da história em capítulos, temos:

No capítulo 1, intitulado “Regressos do mar”, a catadora Geraldina do Espírito Santo encontra os corpos de cinco crianças afogadas no trecho que divide as praias de Stella Maris, em Salvador e Ipitanga, em Lauro de Freitas. A opção por começar o livro com a descoberta dos corpos é uma tentativa de situar o leitor no meio do caos narrativo. O capítulo 2, “Traição de Aláquis”, mostra os desdobramentos policiais que tem como clímax a prisão do casal Matota e Marata e os demais membros da seita nas areias da Lagoa do Abaeté.

Em “Na cova dos leões”, capítulo 3, onde é narrada a apresentação do grupo à imprensa, há ainda uma espécie de homenagem aos repórteres especializados no jornalismo literário: um dos espectadores da apresentação do grupo na sala da assessoria de imprensa é Joel Silveira. Ele está a trabalho para a revista Manchete e narra com fortes impressões os aspectos físicos e psicológicos de alguns personagens daquela história. O capítulo 4, denominado “Matota e Marata”, traz as lembranças de Matota que, preso em

sua cela, relembra os caminhos tomados por ele até que chegasse àquela situação. Nesse capítulo traço o histórico da formação do grupo, a infância de José Maurino em uma fazenda de Santo Antônio de Jesus, a mudança na juventude para Salvador, uma cidade que recebia dezenas de milhares de emigrantes como ele. O encontro com Maria Nilza marca um importante ponto nessa história. Será ela a cúmplice e a principal seguidora desse que se autodenomina pastor.

O capítulo 5, “Mais um achado”, retoma a narrativa aos dias que se seguem aos crimes, portanto, em 1977. Logo de início, outra descoberta vai movimentar o caso e atizar a ação dos repórteres. Os corpos de mais três crianças são encontrados pelo mesmo pescador, em dias diferentes, no mesmo trecho em que foram achados os outros cinco. No capítulo 6, “Um mundo novo”, conta as primeiras impressões do recém casal, que se muda para viver no povoado de Barra, em Mundo Novo. O conflito entre Maurino e o pai de Maria Nilza, o velho Fidélis, vai pontuar as relações de tensão na casa. No capítulo 7, “Fazenda Havana”, evidencia as ações utilizadas pelo casal para fundar a seita, e vão reunir em seu entorno pequenos trabalhadores rurais, todos empregados da Fazenda Havana, cenário principal desse capítulo. “O Batismo”, capítulo 8, traz um importante ponto para a ação: o momento em que os membros da seita mudam de nome e assumem novos papéis no novo contexto social, da seita. Em “Notas do interior”, capítulo 9, traz a repercussão da formação da seita no pequeno povoado de Barra e na cidade de Mundo Novo. “Arribação”, capítulo 10, traz os preparativos para mudança do grupo para Salvador, onde fica evidenciado o caminho para o desfecho já apresentado no início do livro.

A seguir, em “Reencontro com as crianças”, narro o primeiro encontro da população com o grupo desde a prisão. Na ida para o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, onde cumprirão determinação da Justiça e farão o reconhecimento dos corpos, o grupo vai encontrar dezenas de pessoas furiosas que aguardam na porta, pronta para fazer seu próprio julgamento. Outro fato curioso será revelado nesse capítulo: uma criança, filha de uma das participantes da seita, será encontrada viva. A garota fora abandonada no subúrbio por determinação do pastor como punição pelo mau comportamento. No capítulo 12, mostra a relação de Matota com o companheiro de cela Churrasco. O capítulo 13 “Sem verniz ou veludo” narra o enterro das crianças realizado pela Secretaria de Segurança Pública no cemitério da Quinta dos Lázarus. Apenas um grupo



de repórteres e fotógrafos acompanha o sepultamento de sete das oito vítimas da seita Universal Assembleia dos Santos. A cena do enterro encaminha o leitor para o final da história, iniciada justamente com a chegada deles à praia.

O capítulo seguinte, “Noite dos Sacrifícios”, traz a narrativa da noite em que as oito crianças são mortas por afogamento durante um ritual de sacrifício religioso. O resgate dessa cena é feito através das informações prestadas pelo grupo, sobretudo por Marata, em depoimento. Um a um as crianças serão lançadas ao mar e o leitor é defrontado, em seguida, com o depoimento dos participantes sobre a mesma noite, alguns arrependidos, outros em aparente transe. Em “Monte das Oliveiras”, o leitor conhecerá o local onde o grupo permaneceu por quase dois meses, desde a saída de Barra até o momento da prisão, dois dias após o sacrifício. No último capítulo, “Castigos e punições”, e no epílogo, o livro-reportagem é finalizado com a apresentação dos laudos dos membros considerados culpados e o encontro final entre Matota e Marata, no Manicômio Judiciário, onde cumprirão pena de oito anos. Os capítulos citados funcionam, pois, em função da criação de um livro-reportagem nos moldes da escola de jornalismo literário, ampliando seus limites até os dias atuais.

#### **4.2 Produtos similares**

Ao escolher o formato livro-reportagem, percebi que, apesar de um notável crescimento das obras de não-ficção no mercado editorial brasileiro, o número de publicações desse produto do Novo Jornalismo ainda é reduzido. Alguns, no entanto, se destacam e se transformam em exemplos de referência para este tipo de produção jornalística. O exemplar maior deste raciocínio é o livro *A Sangue Frio*, de Truman Capote. A obra denominada pelo próprio autor de romance de não-ficção traz o relato do trágico assassinato de uma família nos EUA. Na época do crime, o autor se mudou para a cidade entrevistou personagens que viveram o episódio em um momento muito próximo do acontecimento dos fatos. Daí, talvez, o frescor tão próprio do texto que faz parecer, mesmo o leitor tendo conhecimento de ser um fato passado, que a narrativa ainda está por se desenrolar.

Essa situação não ocorreu com, por exemplo, com Fernando Morais em *Corações Sujos*. A inspiração para escrever o livro veio enquanto preparava *Chatô, o rei do Brasil*. A

obra conta a história da associação *Shingo Renmei*, que assassinou vários membros da colônia japonesa no final da década de 40. O trabalho maior, como contou Moraes em entrevistas à época do lançamento do livro, foi pesquisar em bibliotecas, arquivos públicos e entrevistar personagens que haviam presenciado esse episódio. Por conta do tempo decorrido desde a ocorrência dos fatos – apenas um participante da associação estava vivo e este não queria dar entrevista – Moraes (2000) concentrou sua produção em pesquisa histórica. Se por um lado, Capote pôde ter a vivência necessária e factual com os personagens e, a partir daí, produzir um rico relato de um acontecimento, por outro lado, a simples distância cronológica não impossibilita a construção bastante aproximada de um episódio real do passado, como mostrou Moraes.

### **4.3 A produção**

Lembro que tinha pouco mais do que seis anos e acompanhava meu pai em um bar, que ficava na saída da cidade, quando ouvi sobre o caso Matota e Marata pela primeira vez. Meu pai comentou, olhando para um casal que seguia a caminho de Mundo Novo, que, há alguns anos, os dois estiveram envolvidos em uma das mais impressionantes histórias que já se tinha ouvido por ali. ‘Eles fizeram parte do grupo de Matota e Marata!’, assim, meio sussurrado, esses dois nomes ganharam algum sentido para mim. A história que me contava, sobre a morte das oito crianças em um ritual, destoava da imagem vulnerável que aquelas duas figuras transmitiam. Só anos mais tarde escutaria falar sobre o caso outra vez. Meu pai, advogado, conversava com um de seus clientes, quando dois nomes familiares me chamaram novamente a atenção: Matota e Marata. O rapaz havia sido testemunha do caso do sacrifício religioso ocorrido mais de 20 anos atrás e estava ali para tratar de outro assunto.

Em Mundo Novo, quase não se comentava sobre a história, e o pouco que se falava girava em torno de fatos pouco credíveis, entrando no campo das lendas e “causos” de interior. Apenas uma ou outra pessoa, que havia tido alguma relação mais próxima com o fato ou com algum dos envolvidos, possuía informações mais próximas do real, embora tudo ficasse no campo da oralidade. Essa história ficaria guardada até deixar de ser um “causo” local e passar a ser um problema acadêmico durante as aulas de Gênero Jornalístico, ministrado no curso de graduação em Jornalismo.

O Novo Jornalismo se desenhou como área de grande interesse nessa época. No meio da infinita lista de autores conceituados no *New Journalism*, estava *A sangue frio*, de Truman Capote, que me fez acompanhar com especial atenção o cuidado na elaboração daquele texto - meio jornalismo, meio literatura - como um exercício da boa narrativa. Além disso, o interesse em contar algo que utilizasse as referências próprias do universo interiorano, que conseguisse despertar um elo de identificação não só com as pessoas que conheceram de perto a história, como também aquelas que se aproximam pela temática, foi determinante para a escolha do episódio ocorrido em 1977.

A partir disso, feita a escolha do tema, a elaboração do livro-reportagem se estendeu por um período de dois anos, desde o desenho do esboço até onde foi colocado o seu ponto final. Exigiu um árduo trabalho de pesquisa, levantamento de dados e informações localizadas em diversos lugares, visitas à biblioteca, visitas ao município onde se desenrolou a história, tentativas frustradas de localizar personagens remanescentes, entrevistas e um incontável número de reformulações no roteiro original e na condução da narrativa. A questão do tempo talvez tenha sido a parte mais determinante para a limitação desse trabalho. Tanto os 33 anos decorridos desde a morte das oito crianças no sacrifício, que não me permitiram uma observação mais próxima dos fatos ocorridos, como o tempo disponível para realizar todas as etapas de elaboração de um livro-reportagem: pesquisa, coleta de informações, apuração, entrevistas, filtragem, escrita, revisão, diagramação.

A idéia inicial era localizar cada um dos participantes da seita, composta por mais de 20 membros, entre adultos, adolescentes e crianças, e entrevistá-los. Essas opiniões seriam as fontes das quais partiriam a narrativa, acrescidas aos processos jurídicos e ao material jornalístico que imaginava existir sobre o caso. No entanto, só o vasto material jurídico, que possui aproximadamente 1.085 páginas, levou cerca de oito meses para chegar até as minhas mãos. Em três tentativas com membros do Poder Judiciário, em vez de encontrar o processo, descobri a imensa dificuldade e burocracia impostas para se recuperar um documento antigo na pilha de arquivo-morto.

Nessa época, o único registro documental de que possuía era um trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), desenvolvido pelas historiadoras Floriva Moura de Oliveira e Fernanda de Moraes Andrade. No trabalho,

elas estudam o caso Matota e Marata junto a outros movimentos messiânicos ocorridos na Bahia no século XX, como Canudos e Pau de Colher, ambos no sertão baiano. Durante uma visita à historiadora Floriva Moura, que reside em Mundo Novo, ela contou da dificuldade em entrevistar os membros remanescentes do grupo. À época da elaboração do seu TCC, em 1999, a pesquisadora já esbarrara no silêncio que envolveu os sobreviventes, que não aceitavam mexer em lembranças que já estavam acomodadas. Nenhum deles quisera dar entrevistas a ela e o pouco de informação que colhera durante sua pesquisa de campo, não poderia ser verificável. Alguns dados baseavam-se em hipóteses e lendas que cercavam o caso.

Sem obter o processo do caso, porém, outra descoberta acabou se tornando uma das principais fontes para a elaboração desse trabalho: uma tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, do professor da Faculdade de Ciências Humanas da UFBA Cláudio Luiz Pereira. Descobri a tese *Seguindo a voz de Deus: Narrativas e Etnografia em um caso de sacrifício de crianças – Salvador-Bahia, 1977/2001* durante uma série de pesquisas de produtos acadêmicos que se assemelhassem ao meu na Internet. As quase 600 páginas foram lidas como se houvesse descoberto um tesouro para o tema, e de fato era. A pesquisa era bastante completa e serviu como um farol que me conduziu a outras descobertas. Rica em informações, às quais nunca havia tido acesso, como o processo jurídico, além do contato com alguns dos membros da seita, a tese serviu para indicar caminhos a percorrer. Lido o trabalho, fui atrás do criador. Localizei o professor Cláudio no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), do qual é pesquisador, e em uma entrevista informal, ele se dispôs a cooperar no que fosse preciso. Ele havia tido acesso ao processo judicial através de inúmeros contatos e, ao saber da proposta de fazer um livro-reportagem sobre o caso, colocou à minha disposição todo o material que possuía inclusive os laudos médicos emitidos pelo Manicômio Judiciário. Cláudio, assim como Floriva, me avisou da dificuldade em localizar os membros que ainda estavam vivos. Ele mesmo tivera contato, no início da sua pesquisa, com algumas dessas pessoas, e alertou sobre a dificuldade de, uma vez localizados, fazerem-nos falar abertamente sobre o episódio .

A partir daí, teve início a segunda fase de levantamento de informações, que consistiu basicamente em pesquisas feitas na Biblioteca Central do Estado, na Biblioteca Central

e na Faculdade de Ciências Humanas, ambas da Universidade Federal da Bahia. Essa fase revelou detalhes da história que sequer estavam no trabalho desenvolvido pelos dois pesquisadores. Detalhes só revelados numa extensa pesquisa aos três maiores jornais da época, o Jornal da Bahia, o Diário de Notícias e o jornal A Tarde.

Durante toda essa etapa mantive a tentativa em localizar os participantes da seita. A dificuldade em ir com frequência até Barra de Mundo Novo, onde havia se formado o grupo, foi a principal barreira física. Mesmo que dissessem que muitos haviam morrido e que outros haviam partido para outros lugares, imaginava a possibilidade de localizar algum familiar que me indicasse um ponto de partida para iniciar a busca. As tentativas esbarravam na dificuldade de conversar com essas pessoas sobre o caso. Muitas se recusavam a lembrar e outras não se lembravam dos nomes ou até da existência deles. A última pista que existia sobre o casal Matota e Marata era de que havia deixado o Hospital de Custódia e Tratamento em 1985. A outra dificuldade era realizar viagens ao interior compatíveis com os horários de estágios e aulas em Salvador. Mesmo sabendo que, de alguma forma, poderia tornar o trabalho frágil em algum ponto, pela falta de um olhar testemunhal, abri mão de localizar os membros da seita religiosa. Tive, então, de me deter à análise das fontes secundárias que possuía e em entrevistas com personagens tangenciais à história. Optei por duas fontes que seriam utilizadas como as bases para a construção narrativa: o material jornalístico produzido na época e o material jurídico, resultado da investigação e das conseqüências judiciais.

#### **4.4 Os desafios**

Ao decidir recontar uma história bem localizada no passado – afinal, mais de 30 anos separam o dia em que a catadora Geraldina do Espírito Santo encontrou os corpos na praia dos dias atuais – e com esparsos vínculos relativos ao presente, sabia que, em determinado momento da narrativa, me depararia com a falta de informações em algum nível. Esse momento, entretanto, ocorre logo no ponto da narrativa escolhido para abrir o livro. Ao optar por relatar o momento em que os corpos são encontrados, deparei-me com lacunas fundamentais existentes entre as duas fontes tomadas como alicerce para a construção desse livro-reportagem: as fontes jurídicas e as fontes jornalísticas. A falta de entrevistas ou depoimentos da personagem que indicassem para além do relato meramente descritivo resultou em espaços vazios de sentido em lugares indispensáveis

à construção de uma boa narrativa. Como reagiu a catadora de lixo diante do cenário que tinha diante de si? Que interjeição, que resistência seu corpo sentira no momento em que constatou que o grande volume que via era o corpo de uma criança? Sentiu medo, pavor? Ocorreu-lhe alguma lembrança de algo que já havia visto em sua vida? Foram respostas que não encontrei quando precisei recompor o cenário principal da cena. Ainda que verídicas, do ponto de vista de conterem informações reais, essas fontes não trazem todos os elementos necessários para preencher esses vazios de sentido deixados pela falta de informações detalhadas dessa personagem.

Tinha, a princípio, um dilema para lidar. Deveria optar por contar a história a partir de um novo início, em que tivesse plena solidez nos elementos descritivos necessários para compor a cena de abertura do livro? Ou deveria deixar claro que tinha um problema não percebido antes – quando da seleção de fatos e informações essenciais à narrativa – sobre a falta daqueles elementos necessários à criação, em vez de tentar diluir a cena em pequenos artifícios, de forma a admitir para o leitor que o próprio autor não tinha essas informações para recompor, não só o cenário físico, mas emocional e de sentido? Exemplo desta situação pode ser observado na cena em que a catadora encontra os corpos, mas também seria identificado em diversos outros momentos posteriores da narrativa.

Essa falta de conexão, de uma necessária ponte entre duas situações da história narrada, em vez de camufladas em uma criação ficcional – o que fugiria do propósito de um livro-reportagem – seria suprida pela voz do próprio o autor. Para contar essa narrativa da ausência, alguns autores costumam se valer de elementos ficcionais para preencher esses espaços. Dado esse livro assumir o caráter de livro-reportagem, esse espaço onde o jornalista não alcança, em tese, não deveria ser assumido pela postura do literato, a não ser que essa fosse a proposta. Esse livro não se propõe a preencher com ilusões e romanceamentos as lacunas dos fatos reais. Quer apresentar, ainda que pela falta de informação, a história como fora contada pelas duas fontes escolhidas para a criação desse produto. Pois reportar é antes de tudo retratar aquilo que é real. Se fugisse dessa premissa, de que o jornalismo tem como forma basilar retratar o que de real acontece, a produção se afastaria do conceito de livro-reportagem.

## 5. A trajetória

As lições iniciais, ainda no primeiro semestre do curso de Jornalismo, logo despertaram meu interesse pelas reportagens. Logo após os primeiros exercícios já pensava em sair às ruas “gastar a sola do sapato”, como havia lido em algum livro. Os primeiros exercícios, porém, mostraram que teria de esperar pacientemente. As pequenas dificuldades de construção do texto, ainda nas aulas de Oficina Literária, indicavam que precisaria de muito tempo até ter a experiência necessária para as grandes reportagens. Mesmo com os erros, a vontade de aprimorar o texto, de elaborar pautas mais criativas, de aguçar o olhar por detrás dos meros fatos, motivaram-me a seguir. Com empenho, a qualidade dos textos melhorou e também a recepção dos professores em lê-los.

Logo no início do terceiro semestre, a vontade de pôr em prática tudo o que aprendia nos bancos da faculdade me levou ao primeiro estágio. O lugar não poderia ser mais indicado, trabalharia na Assessoria de Comunicação da Editora da UFBA, a Edufba. As vivências com jornalistas e com a prática jornalística, atrelada ao mercado editorial, formaram minhas primeiras referências de trabalho na área. Responsável pelas resenhas dos livros, dos releases e também da publicação do jornal bimestral, em que sugeria as pautas e as executava, mantive estreito contato com o mundo da criação literária. A escassez de publicações em determinadas áreas, as dificuldades de se publicar livros no Brasil, ao contrário de servirem como desestímulo, avivaram o espírito de quem idealizava trabalhar com a escrita. A experiência seguinte foi tão relevante quanto a primeira.

O trabalho na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos revelou a cruel realidade do sistema carcerário na Bahia. Apesar de curto tempo, pouco mais do que quatro meses, uma das circunstâncias lá vivida resume a inquietação despertada nessa época. Para a confecção do jornal Mural, editado a cada semana, tive de entrevistar pessoas que haviam passado pelo sistema prisional e que agora estavam ressocializadas. Uma jovem, que havia sido presa por tráfico, trabalhava em uma lavanderia na Mata Escura e falava da dificuldade em se livrar do estigma que acompanhava todo ex-presidiário. Não importava para alguns que ela tivesse cumprido sua pena, importava que possuísse a “ficha suja”. Chamou-me a atenção do cuidado que deveria ter para contar com fidelidade e sensibilidade aquela história.

Nessa época, na Oficina de Jornalismo Impresso, participei da elaboração do jornal da Facom. A retomada desse produto no meio acadêmico exigiu a participação de toda a turma, desde as etapas de planejamento, até as sugestões de pautas e elaboração das notícias. No entanto, o espaço reduzido e a limitação estrutural típicos do veículo impresso conduziam os jovens repórteres à utilização dos modelos clássicos de pirâmide invertida, leads, sub-leads e apoios. Esta vivência no jornal acadêmico foi importante para aprimorar a técnica, mas aguçou minha expectativa em desenvolver um jornalismo com apuração mais aprofundada e maior empenho estilístico.

As experiências nos dois anos seguintes foram em emissoras de televisão local. O trabalho na TV Aratu e posteriormente na TV Bahia me despertou o cuidado com a imagem provocada pelo texto. Não necessariamente a imagem no sentido denotativo, de cobrir o texto do repórter com imagens feitas pelo cinegrafista, mas sim de permitir que o leitor/espectador pudesse criar imagens a partir de um texto. Trabalhando na edição de texto de um noticiário local, na TV Aratu, precisei ter cuidado com o texto objetivo e, por vezes, simplificado e pouco profundo, para dar conta das questões de tempo e espaço dentro do jornal. Percebi na prática que, por mais que tivesse uma boa história a contar, ela precisaria ser encaixada em um minuto e meio para não exceder o tempo do jornal. Ainda que, por um lado, sentisse que o texto acabava por deixar de lado informações importantes, por outro aprimorei o cuidado em não cansar aqueles que teriam contato com a notícia.

Na fase de transição de um estágio em TV para outro, deparei-me com o que seria a boa surpresa do curso de jornalismo. As aulas sobre Gêneros Jornalísticos deveriam perpassar alguns dos principais modos de escrita jornalística, mas o sucesso do, até então desconhecido, Novo Jornalismo tomou mais tempo das aulas do que o previsto, graças ao interesse dos alunos. Fluxo de consciência, maior liberdade de estilo, o “aerodinâmico bebê floco de tangerina cor de caramelo” de Tom Wolfe, os bandidos românticos de Truman Capote, todas essas novas possibilidades na escrita deram novo fôlego ao curso de jornalismo. A partir daí, devorei uma enxurrada de livros sobre Jornalismo Literário, mas, em vez da possibilidade de exercitar a escrita em algum estágio em jornal, acabei indo parar outra vez em um estágio em televisão.



A nova experiência, no entanto, como redator de vídeos e campanhas institucionais da Rede Bahia permitiram exercitar a construção de um novo formato textual. A liberdade de criação de roteiros para esses vídeos me permitia brincar com a dramaturgia, uma relação com o texto até então nunca experimentada. O dinamismo necessário à linguagem audiovisual e a necessária precisão nos textos me permitiram experimentar novas formas de comunicação. Por último, ainda teria outras duas experiências com as novas tecnologias, uma foi um blog para o portal Ibahia.com e outra como repórter trainee da versão on-line do jornal CORREIO. Durante dois meses viajei pela América Latina, percorrendo cidades do Peru, Bolívia, Chile e Argentina, descobrindo o Velho Mundo e escrevendo as minhas impressões sobre os lugares para um blog. A liberdade para tratar dos temas fez com que eu testasse formatos, linguagens e maneiras de contar as situações que testemunhava. Depois de ir tão longe, a experiência vivida com os povos latinos me fizeram voltar com um olhar muito mais cuidadoso para o interior, para minhas raízes. Talvez esse tenha sido o principal motivo que me fez contar uma história ocorrida na cidade onde nasci.

A construção do livro-reportagem *Matota e Marata, os Cavaleiros da Fé* parece, pois, uma consequência natural dos caminhos percorridos até o final do curso de jornalismo. Como não houve tempo para viver a experiência da elaboração da notícia para o texto impresso, vi no livro-reportagem o exercício necessário para pôr em prática as lições deste suporte. Em cada uma das fases desse processo, era como se retirasse os ensinamentos aprendidos nas aulas e as experiências vividas nas diversas áreas da comunicação por onde passei e as empregasse da forma a tirar o melhor resultado. Ainda que dialogue com outros campos das Ciências Humanas, como a História, a Antropologia, as Letras, esse produto nada mais é do que o exercício das práticas jornalísticas estudadas ao longo do curso de graduação em Jornalismo.

### **5.1 Obstáculos na trajetória**

Por mais que o desejo em contar a história fosse grande, igualmente gigantes pareciam as dificuldades para executá-las. Sem tempo nem dinheiro para empreender demoradas viagens a Mundo Novo, as responsabilidades com a faculdade e estágio, que me prendiam a Salvador, me impossibilitaram de percorrer todos os cantos de onde pudesse se extrair informações necessárias. Em geral, quando uma editora decide pela execução

de um livro, ela abastece o escritor com o apoio necessário para um indispensável recolhimento para o bem da obra. Assim, o autor ganha, além do financiamento de viagens em campo, compra de matéria prima (papel, cartuchos...), ganha tempo para se afastar do mundo real e penetrar em sua criação.

É compreensível, pois, porque os grandes escritores que resolvem empreender a missão de escrever um livro-reportagem, em geral, têm à sua disposição uma equipe para pesquisar, entrevistar, escrever, resumir, revisar. Em entrevista à revista faconiana Lupa, em setembro de 2009, o escritor Ruy Castro – conhecido pelas biografias de Garrincha, Carmem Miranda e Nelson Rodrigues – falou sobre a logística e a utilização de uma equipe responsável pelo levantamento de informações quando vai escrever um perfil. “Até realizar a entrevista, a minha equipe leva meses para localizar o depoente”, revelou. Da mesma estratégia utiliza Fernando Morais, como contou em entrevista à revista Istoé Gente, no ano 2000. Para entrevistar 88 pessoas e realizar as pesquisas necessárias para seu livro *Corações Sujos*, o escritor contou com uma equipe.

Por conta dessas limitações, algumas informações deixaram de ser mais bem abordadas, como a relação da seita com o Monte das Oliveiras – local escolhido para acamparem em Salvador – e também os inúmeros desdobramentos judiciais que foram além da data escolhida para finalizar o livro. Entenda-se que, do pouco mais de mil páginas do processo, cerca de 400 eram pedidos de audiências, cartas precatórias, pedidos de vista de processo e outras ações que atravancaram o processo até 2001, data de sua finalização. Embora, de fato, nenhum dos participantes, exceto o casal Matota e Marata, tenha sido responsabilizado pelo crime, os demais membros serão ora incluídos, ora excluídos do ajuizamento penal. Os avisos sobre não localização do depoente, os avisos de mortes, as mudanças de domicílio enchem o outro um terço de páginas.

Assim mesmo, muitas informações, textos e entrevistas deixaram de compor esse material, caso contrário não haveria tempo hábil para finalizar o livro. Informações que pretendo incluir em uma edição posterior e mais completa do produto. Finalizo esse projeto de conclusão de curso não com o olhar de quem ofereceu uma verdade imparcial sobre este fato, mas de quem buscou contar da forma mais próxima do real um caso que poderia ser qualquer outro. Mesmo com as dúvidas, as dificuldades, concluir o livro-reportagem *Matota e Marata – Os Cavaleiros da Fé* representou a conclusão de um

ciclo iniciado quando entrei para o curso de Jornalismo na UFBA. Marca também uma transição do jovem inexperiente para um profissional mais observador e menos receoso de explorar os inúmeros caminhos oferecidos pela Comunicação.

## 7. Bibliografia consultada

### Documentação Judiciária:

ESTADO DA BAHIA – DIVISÃO DE ESTUDOS PENAIIS. Parecer Psicológico de Pedro **Fanuel**, 1978

ESTADO DA BAHIA – DIVISÃO DE ESTUDOS PENAIIS. Parecer Psicológico de Dario **Daniel**, 1978

ESTADO DA BAHIA – PODER JUDICIÁRIO. Carta de Ordem de Desinternação de José Maurino **Matota**, 1985

ESTADO DA BAHIA – PODER JUDICIÁRIO. Carta de Ordem de Desinternação de Maria Nilza **Marata**, 1985

ESTADO DA BAHIA – PODER JUDICIÁRIO. Carta de Ordem de Internamento de José Maurino **Matota** e Maria Nilza **Marata**, 19/10/1982

ESTADO DA BAHIA – PODER JUDICIÁRIO. **Processo n. 659/77**. Juízo de Direito da Segunda Vara Privativa do Júri. Salvador-Ba, 3 vol., 1977/1999, 1085 p..

### Documentação Manicomial:

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Cessaçã de Perigosidade realizado na Pessoa de Maria Nilza Marata, 16/04/1985.

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Exame de Sanidade Mental de Maria Nilza **Marata**, 1978.

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Exame de Sanidade Mental de José Maurino **Matota**, 1979.

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Exame de Sanidade Mental de Pedro **Fanuel**, 1979

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Exame de Sanidade Mental de Dario **Daniel**, 1978

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Exame de Sanidade Mental de Janilton **Arão**, 1978

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Laudo de Verificação de Perigosidade na Pessoa de José Maurino **Matota** , 22/07/01985

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Parecer Psicológico de José Maurino **Matota**, 1978.

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Parecer Social sobre o interno José Maurino **Matota**, 1985

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Relatório sobre a interna Maria Nilza **Marata**, 1985.

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Relatório sobre o interno José Maurino **Matota**, 24/10/1984

ESTADO DA BAHIA – MANICÔMIO JUDICIÁRIO. Relatório sobre o interno José Maurino **Matota**, 12/07/1985

### **Jornais e Revistas:**

#### **JORNAL A TARDE.**

Consulta ao acervo do jornal no período compreendido entre maio de 1977 e novembro de 1977

#### **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

Consulta ao acervo do jornal no período compreendido entre maio de 1977 e novembro de 1977

#### **JORNAL DA BAHIA**

Consulta ao acervo do jornal no período compreendido entre maio de 1977 e novembro de 1977

#### **REVISTA MANCHETE**

Consulta à matéria do repórter Joel Silveira, de 28 de maio de 1977

### **Bibliografia**

BARCELLOS, Caco. **Abusado. O dono do Morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. Rio de Janeiro: Contexto, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1987

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

CASTRO, Ruy. **Anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAVALCANTE, R. **Matota, Matador de Crianças**. Salvador: Editora do Autor, s/d.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Ateliê, 2003.

- DINIZ, Débora. **Conflitos Morais e Bioética**. Brasília: Letras Livres, 2001.
- FRANÇA, Genival Veloso de. **Fundamentos de Medicina Legal**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- KIERKEGAARD, S. A. **Temor e Tremor**, São Paulo: Abril Cultura, 1979.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: AGIR, 1969
- LIMA, Dante de. **Histórias do velho Mundo Novo**. Salvador: Bureau Ed, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Mundo Novo: aspectos históricos, geográficos, sociais e econômicos**. Salvador: Bureau Ed, 2000.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas - o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.
- MONTENEGRO, Aberlardo Fernando. **História do fanatismo religioso no Ceará**. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenelle, 1959.
- MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2007
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Faces do Fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004
- RUBIM DE PINHO, A. **O Cultural e o Histórico no Campo do Delírio in Boletim do Serviço Médico Psiquiátrico**, 1983
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa**. São Paulo: Summus, 1996.
- TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TRUMAN, Capote. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- Sites:**

< [www.libdigi.unicamp.br/](http://www.libdigi.unicamp.br/) > Acesso em: 15 de agosto de 2010

< [www.news.bbb.co.uk](http://www.news.bbb.co.uk) > Acesso em: 16 de setembro de 2009

< <http://www.ifsp-srilanka.org> > Acesso em: 19 de setembro de 2009

< <http://www.britannica.com/Maratha> > Acesso em: 19 de setembro de 2009

< <http://www.gatewayforindia.com/history/> > Acesso em: 19 de setembro de 2009

< [www.mundonovo.ba.gov.br/](http://www.mundonovo.ba.gov.br/) > Acesso em: 21 de outubro de 2009

< [http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba\\_lbras/lestebrazilero.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_lbras/lestebrazilero.htm) > Acesso em: 23 de outubro de 2009

< [www.pentecostalid.com.br/index](http://www.pentecostalid.com.br/index) > Acesso em: 09 de novembro de 2009

< [www.casaruibarbosa.gov.br/](http://www.casaruibarbosa.gov.br/) > Acesso em: 13 de novembro de 2009

< [www.bahai.org.br/cordel/viva.html](http://www.bahai.org.br/cordel/viva.html) > Acesso em: 14 de novembro de 2009

< [www.uol.com.br/educacao](http://www.uol.com.br/educacao) > Acesso em: 13 de fevereiro de 2010

< [www.correio24horas.globo.com](http://www.correio24horas.globo.com) > Acesso em: 05 de março de 2010

< <http://www.cacp.org.br/estudos/artigo> > Acesso em: 13 de março de 2010

< [www.super.abril.com.br](http://www.super.abril.com.br) > Acesso em: 07 de abril de 2010

< <http://pessoas.hsw.uol.com.br/> > Acesso em: 18 de abril de 2010

< [www.textovivo.com.br](http://www.textovivo.com.br) > Acesso em: 22 de abril de 2010

< [www.fapesp.br](http://www.fapesp.br) > Acesso em: 05 de maio de 2010

< [www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br) > Acesso em: 23 de maio de 2010

< [www.metodista.com.br](http://www.metodista.com.br) > Acesso em: 23 de maio de 2010

< [www.terra.com.br](http://www.terra.com.br) > Acesso em: 07 de junho de 2010

< [www.lupa.facom.ufba.br](http://www.lupa.facom.ufba.br) > Acesso em: 08 de junho de 2010

< [www.bibliaonline.com.br](http://www.bibliaonline.com.br) > Acesso em: 10 de junho de 2010